

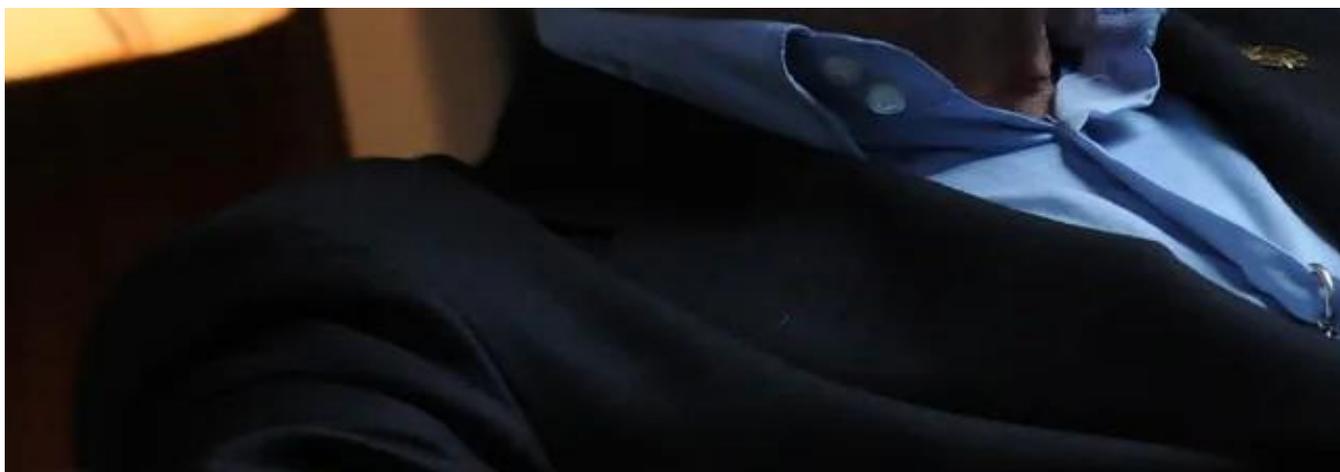
Para Mangabeira, Lula fracassa se repetir estratégia

Para ex-ministro da SAE, falta projeto ao presidente eleito

Por César Felício — De São Paulo

05/12/2022 05h00 · Atualizado há 10 horas





Mangabeira: parceria de transferência de renda com ajuste fiscal não dá mais certo — Foto: Leo Pinheiro/Valor

Duas vezes ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, a primeira no governo Lula, entre 2007 e 2009, e a segunda no governo Dilma, em 2015, o filósofo da Universidade Harvard, Roberto Mangabeira Unger, acredita que a estratégia que o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva adotou em seu primeiro mandato desta vez não vai funcionar.

Na visão de Mangabeira, Lula teve sucesso há duas décadas ao conciliar políticas de transferência de renda com um ajuste fiscal do Estado. Mas as circunstâncias econômicas mudaram e o eleitorado brasileiro não se contenta mais com isso. Mangabeira acredita que o petista ganhou as eleições presidenciais não apenas pela memória do que fez no primeiro mandato, mas pelos erros de gestão do presidente Jair Bolsonaro na condução das ações contra a pandemia de covid-19.

Apoiador de Ciro Gomes (PDT) em todas as quatro candidaturas presidenciais do ex-governador cearense, Mangabeira é defensor de um projeto de revisão de políticas institucionais de desenvolvimento, adotando recortes regionais e favorecendo o empreendedorismo de médio e pequeno porte.

Ele pensa que, com um programa consistente, nenhum governante no Brasil tende a ter problemas reais com o Congresso Nacional. “Não me impressiona essa desorientação anárquica da maioria congressual porque esta realidade mudaria num instante, se surgisse no Brasil um projeto forte”, disse.

A seguir trechos da entrevista, concedida por meio de aplicativo de reuniões virtuais. Aos 75 anos, Mangabeira reside em Cambridge, Massachusetts.

Valor: Logo após as eleições o senhor fez uma previsão de que Lula tentaria repetir a estratégia que usou no primeiro mandato, de bancar programas de transferência procurando preservar a situação fiscal, mas que isso não iria funcionar. Por que?

Roberto Mangabeira Unger: Conjunturalmente a economia mundial passa por um período de estresse e de rebaixamento. No meio tempo, o Brasil involuiu. O Brasil está no chão. Ao mesmo fica mais claro que os agentes sociais mais importantes do Brasil hoje são os emergentes e a multidão de trabalhadores mais pobres que vem atrás deles, mas que já abraçou a cultura da autoajuda e da iniciativa. Eles não querem mais ser apenas beneficiários cooptados. A parceria do financismo fiscalista com o 'pobrismo' que pautou os governos tucanos e petistas e foi de alguma forma continuada sobre Bolsonaro, não atende mais à vanguarda do povo brasileiro.

Valor: O senhor acredita que haveria uma tendência natural de Bolsonaro ter sido reeleito. Porque então isso não se deu?

Mangabeira: A pandemia e suas consequências interferiram na aplicação dessa lógica. De tal forma Bolsonaro desandou na gestão da pandemia que gerou repulsa em muitos de seus antigos eleitores. A margem que ele tinha no Sudeste diminuiu e a diminuição dessa margem combinada com a grande primazia de Lula do Nordeste foram suficientes para assegurar a vitória de Lula.

“

O Brasil hoje não é apenas um amontoado de pobres esperando transferências. Essa é a nova realidade'

Valor: *Então o Lula não ganhou pela agenda que ele apresentou. Foi mais pelo antibolsonarismo do que pela agenda?*

Mangabeira: É claro que a massa pobre concentrada no Nordeste recordou as coisas que Lula fez por ela, mas o Brasil hoje não é apenas uma amontoado de pobres esperando transferências. Essa é a nova realidade social e espiritual do país.

Valor: *O Lula estando com a agenda que ele está pode em um curto prazo....*

Mangabeira: A gente não sabe com que agenda Lula está. Ele não explicitou a agenda ainda. A presunção é que a linha de menor resistência é voltar à agenda anterior. A pergunta é: o que farei como presidente? Ela está implicitamente respondida com a afirmação: farei o que fiz antes. Até que tenhamos um novo esclarecimento programático a interpretação é essa

Valor: *E nesse caso, se ele repetir a agenda, haverá um desgaste de popularidade muito rápido?*

Mangabeira: O que temos de fato no Brasil dispensando a anestesia? Bancos e a produção e a exportação agropecuária e mineral. A economia brasileira é essa. Os interesses que conduzem o financeiro insistem em privilegiar o acerto das contas públicas. Então temos essa tensão e contradição entre a fome de dinheiro pra financiar o pobrismo e o acerto das contas.

Valor: *O senhor disse acreditar que quando ficar claro que a lógica do primeiro mandato não funciona Lula vai procurar uma alternativa. Conhecendo ele como o senhor conhece, que alternativa que o senhor acha que ele iria procurar?*

Mangabeira: O foco tem que ser um produtivismo capacitador e incluyente e uma mudança brusca na agenda nacional. Nós temos agora um novo debate no mundo a respeito do desenvolvimento. Até o final do século 20 a ideia promovida pela economia do desenvolvimento é que havia um atalho para o crescimento econômico. Surgiu no mundo uma nova vanguarda produtiva pra substituir a indústria convencional. Essa nova vanguarda é o que chamamos a economia do

conhecimento. Ela não é apenas manufatura, ela é multissetorial, existe em todos os setores da economia das grandes economias do mundo. Serviços intelectualmente densos e também agricultura científica ou de precisão, mas em cada setor, ela aparece como uma franja excludente. Exclui a grande maioria dos produtores e das empresas e dos trabalhadores. Ela tem um caráter insular e dessa natureza insular, da forma atual da economia do conhecimento, resultam estagnação econômica, desaceleração do crescimento e do aumento da produtividade e do outro lado o aprofundamento da desigualdade. Então o foco tem que ser construir uma economia do conhecimento para muitos. Não existe um exemplo consolidado no mundo que possamos copiar. E nós estamos acostumados só a copiar. Nós teremos que andar na frente. O estado brasileiro, por várias razões, conta com muitos dos instrumentos institucionais que seriam úteis a este projeto de organizar uma economia de do conhecimento para muitos. Sebrae, Senac, Senai, Embrapa, bancos públicos e de desenvolvimento e assim por diante. O que não temos é projeto. Esse projeto teria que ser traduzido em cada uma das regiões do país. Isso exige inovação institucional, e não temos no Brasil inovação institucional desde Vargas. O que temos é a realocação de recursos pra cá ou pra lá e em política isso não é sério. A única coisa que conta em política é o legado institucional, a locação de recursos vem e volta como as ondas do mar e não deixa efeito duradouro. Faço um desvio: o que construiu o Estados Unidos de fato? Na primeira metade do século 19 havia dois projetos: no governo central, uma mobilização maciça de recursos nacionais, construção de rodovias, ferrovias, hidrovias, abertura do país, conduzida por uma elite americana de então. Esse projeto convergiu com o projeto embaixo, a democratização da agricultura e finanças. Os americanos distribuíram as terras e promoveram entre esses produtores rurais práticas de concorrência cooperativa. Eles competiam uns com os outros, mas faziam mutirão de recursos, pra alcançar economias de escala. O resultado foi uma agricultura de padrão familiar, mas com atributos empresariais. Nas finanças os americanos dissolveram o Banco Nacional e organizaram o sistema de crédito à disposição do produtor mais descentralizado no mundo até aquela época. Por mais de cem anos os americanos proibiram qualquer banco de operar em mais de um estado da federação. Quando os americanos fizeram isso na agricultura e nas finanças, não estavam regulando os mercados. Eles estavam reinventando o mercado. Não estou propondo que copiemos o conteúdo desses exemplos. Estou propondo que nós façamos essa prática. Pra isso precisamos ter uma contra-elite determinada a resistir ao predomínio do rentismo financeiro e do primitivismo produtivo.

Valor: *Quem seria essa contra elite no quadro brasileiro atual? Quem é de onde surgiria propriamente essa contra elite?*

Mangabeira: Temos os interesses industriais, as burguesias de província, as classes empreendedoras dos estados, uma matéria-prima com que começar. Embaixo o Brasil se move. Vou dar um exemplo de como se perverte a ideia de política industrial no Brasil. Depois que deixei o governo, fui fazer um trabalho de base em Rondônia. E Rondônia é um estado construído por essa multidão de emergentes, em que o predominante não é o grande agronegócio. São as pequenas e médias propriedades. A maioria relativamente primitiva. A classe empreendedora de Rondônia estava construindo frigoríficos pra começar a industrialização dos produtos agropecuários. O que acontecia é que os oligopólios da indústria da carne financiados pelo BNDES chegavam lá em Rondônia e compravam esses pequenos frigoríficos, muitas vezes com o único objetivo de fecha-los e consolidar o oligopólio. Isso é um retrato no Brasil. Então em vez de ir ao encontro daquele dinamismo empreendedor nascente e equipá-lo com capacitações, oportunidades e recursos nós fazíamos o oposto. Por isso que estamos onde estamos.

Valor: *Da experiência que o senhor teve no governo, acha que temos base pra acreditar que o Lula pode seguir esse caminho?*

Mangabeira: É possível, mas é improvável. Porque a autotransformação é sempre improvável. Mas o ponto não é nós esperarmos que um outro, um poderoso, nos tire desse inferno. Nós é que temos que fazer isso.

Valor: *O senhor colaborou com Ciro Gomes em todas as candidaturas presidenciais dele. O senhor acha que ele ainda tem condições de estar à frente desse debate?*

Mangabeira: Quero deixar claro que estou falando em meu nome, o Ciro fala por ele. Eu não conversei com ele depois da eleição e não sei se ele pretende continuar na política nacional ou não, não posso responder essa pergunta, mas isso não depende de Ciro Gomes.

Valor: *O senhor já comentou sobre o esvaziamento da presidência pelo Congresso. Com este Congresso eleito o senhor acha factível a reversão dessa tendência?*

Mangabeira: Quando o presidente tem um projeto forte o Congresso no início se rende a ele e o quadro partidário se reorganiza. O regime partidário mais forte que já tivemos no Brasil evoluiu sobre a República de 1946. Às vésperas do golpe de 64 tínhamos o regime partidário mais forte que já tivemos e como é que surgiu esse regime? Surgiu porque em 1950 Getúlio Vargas se reinventou como um industrializador, com uma política de mobilização popular controlada de cima e com os as instituições do corporativismo. O quadro partidário se organizou polarizado em torno do projeto forte de Getúlio, com partidos a favor e partidos contra. Quer dizer, os projetos fortes é que causam partidos fortes e não o inverso. Os partidos fortes não foram a causa do projeto forte. O presidencialismo brasileiro com todos seus defeitos tem um potencial, o potencial plebiscitário, de um poder ser usado sobretudo no momento mágico do início do mandato presidencial, para promover um projeto forte. Então não me impressiona essa desorientação anárquica da maioria congressual porque esta realidade mudaria num instante, se surgisse no Brasil um projeto forte.

Valor: *Se o presidente eleito não estabelecer uma agenda clara, o senhor acha que podemos ter um aprofundamento da crise política?*

Mangabeira: Claro, porque vamos ter um crescimento precário com base estreita, da produção e exportação de produtos primários pouco qualificados. Então teríamos que ter essa agenda nacional e reinventá-la em cada uma das regiões do país. Tudo isso exige o país se levar a sério.